

## Instrumental

Álbum dá continuidade à Trilogia dos Sertões, iniciada com ‘Cavalo Motor’ e que será finalizada com ‘Triste Entrópico’

# Makely Ka fala de ‘Rio Aberto’, seu novo disco

■ PATRÍCIA CASSESE

Segundo título da Trilogia dos Sertões, projeto do cantor, compositor e violonista Makely Ka que teve seu passo inicial com “Cavalo Motor” (2014), o disco “Rio Aberto” chegou recentemente ao mercado apresentando 13 faixas instrumentais – sendo apenas uma não autoral, “Encontro das Águas”, de Tavinho Moura – nas quais a viola é a grande protagonista.

O instrumento foi dedicado por Makely pelo primeira vez há cerca de 20 anos. “Mas acabei dando-a de presente ao músico João Luís Nogueira, a quem acompanhava, quando ele se mudou para Alemanha. Só em meados de 2018 eu consegui outra”, relata ele.

E foi mais recentemente, nos meses passados em isolamento, por conta da pandemia, que o artista acabou fazendo uma imersão no instrumento. “Comecei a experimentar algumas afi-

nações. Na quarentena, passava várias horas praticando e, assim, as músicas foram saindo aos poucos. O disco foi ganhando corpo de uma forma natural”, revela. Recluso, o veio criativo acabou sendo uma forma de se conectar com a natureza, “de transcender aquele momento de tensão e de apreensão”.

Neste movimento, o fluxo das águas inspirou o título das faixas, entre afluentes do São Francisco – como “Cari-nhanha”, “Jequitá”, “Paracatu” ou “Urucuia” e outros cursos – “Doce”, “Vaza-Barris”. “De repente, uma ideia que co-

meçou pingando feito água de nascente, virou um veio d’água, formou um córrego e acabou se transformando num rio caudaloso”, descreve ele, sobre o processo.

Na viola, começou experimentando a afinação que, conta, é muito usada no Vale do Urucuia, na região Noroeste de Minas, por onde passou em 2012, na viagem que fez de bicicleta pelo chamado Grande Sertão. “Lá, eles chamam essa afinação de ‘Rio Abaixo’, e ficou conhecida por causa de alguns violeiros famosos, como ‘seo’ Manoel de Oliveira, referência do instrumento, mestre e professor de grandes violeiros, como Paulo Freire”.

Tavinho Moura, prossegue Makely, também usa essa afinação, mencionando ‘seo’ Manoel e ‘seo’ Zezinho como referências. “Acontece que ela é conhecida também como ‘Sol Aberto’ – e daí surgiu o nome do disco, ‘Rio Aberto’. Desde o início eu associei o som da viola, princi-



ROSA ANTUÑA/DIVULGAÇÃO

**O artista.** “Faço uma música orgânica, sem aditivos químicos para fazê-la tocar nas mídias”, pontua

palmente com essa afinação, ao movimento das águas pela sonoridade aberta, pela sensação de fluidez. Então ligar as músicas aos rios que conheci nas muitas viagens que fiz pelo sertão de Minas e da Bahia foi um processo natural”, esclarece.

Já sobre a relação com a música instrumental, ele res-

salta que sempre se fez presente em seu processo criativo, embora fosse menos evidente na persona artística que veio à tona durante sua carreira, “que é a do cancionista, do letrista e poeta”. “Mas sempre criei música instrumental para teatro, cinema e, nos últimos anos, para dança. Tanto que neste últi-

mo fim de semana, estreou no Teatro Amazonas, em Manaus, ‘Rios Voadores’, da bailarina e coreógrafa Rosa Antuña (com quem fui casado), com o Corpo de Dança de lá, e que tem uma trilha sonora instrumental inédita, que compus especialmente para o espetáculo”, salienta.

### Fecho

‘Triste Entrópico’. O disco que encerra a trilogia, diz ele, deve sair ano que vem. “As letras discutem a formação da identidade brasileira, mas também o rumo que seguiremos daqui em diante”, antecipa.